

Didática e Formação de Professores

COMPLEXIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE

Conselho Editorial

Alex Primo – UFRGS
Álvaro Nunes Laranjeira – UTP
Carla Rodrigues – PUC-RJ
Ciro Marcondes Filho – USP
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP
Erick Felinto – UERJ
J. Roberto Whitaker Penteado – ESPM
João Freire Filho – UFRJ
Juremir Machado da Silva – PUCRS
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP
Michel Maffesoli – Paris V
Muniz Sodré – UFRJ
Philippe Joron – Montpellier III
Pierre le Quéau – Grenoble
Renato Janine Ribeiro – USP
Sandra Mara Corazza – UFRGS
Sara Viola Rodrigues – UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS
Vicente Molina Neto – UFRGS

Didática e Formação de Professores

COMPLEXIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE

ORGANIZADORES:

Akiko Santos
João Henrique Suanno
Marilza Vanessa Rosa Suanno

AUTORES:

Ana Cristina Souza dos Santos
Ana Maria Crepaldi Chiquieri
Carime Rossi Elias
Ecleide Cunico Furlanetto
Everardo de Sousa Luz
Hilda Gomes Dutra Magalhães
José Carlos Libâneo
Juan Miguel Batalloso Navas
Maria Cândida Moraes
Maria José de Pinho
Ricardo Antunes de Sá
Ruth Catarina C. R. de Souza
Sandra Barros Sanchez
Solange Oliveira Magalhães
Wagner Rodrigues Silva



Editora Sulina

© Os autores

Capa: *Leticia Lampert*

Projeto gráfico e editoração: *Daniel Ferreira da Silva*

Revisão gráfica: *Miriam Gress*

Revisão: *André de Godoy Vieira e Patrícia Aragão*

Editor: *Luis Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

D555

Didática e formação de professores: complexidade e transdisciplinaridade /
Organizado por Akiko Santos, João Henrique Suanno e Marilza
Vanessa Rosa Suanno. -- Porto Alegre: Sulina, 2013.
342 p.

ISBN: 978-85-205-0645-5

1. Sociologia da Educação. 2. Educação e Sociedade. 3. Complexidade
- Educação. 4. Transdisciplinaridade - Educação.

CDU: 37.015.4

CDD: 370.19

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS
Tel: (0xx51) 3311-4082
Fax: (0xx51) 3264-4194
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Abril/2013}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Sumário

Prefácio: “Uma didática da invenção”, 7

Apresentação, 11

Didática transdisciplinar emergente, 23

MARILZA VANESSA ROSA SUANNO

Didática na formação de professores: entre a exigência democrática de formação cultural e científica e as demandas das práticas socioculturais, 51

JOSÉ CARLOS LIBÂNEO

Considerações sobre a didática da educação transcomplexa, 83

AKIKO SANTOS

ANA CRISTINA SOUZA DOS SANTOS

ANA MARIA CREPALDI CHIQUIERI

SANDRA BARROS SANCHEZ

O Projeto Político-Pedagógico da escola: diálogos com a complexidade, 125

RICARDO ANTUNES DE SA

O desenvolvimento da criatividade em um ambiente transdisciplinar de aprendizagens, 149

JOÃO HENRIQUE SUANNO

Orientação educacional e dimensões da psicopedagogia. Uma proposta transdisciplinar de intervenção, 167

JUAN MIGUEL BATALOSO

MARIA CÂNDIDA MORAES

**Ensino profissional integrado: projetos de trabalho
sob a ótica da transdisciplinaridade, 193**

EVERARDO DE SOUSA LUZ

**O amor como expressão do sagrado no fluxo
do diálogo entre os sujeitos, 215**

SOLANGE MARTINS OLIVEIRA MAGALHÃES

**Formação de professores: tempos de vida – tempos
de aprendizagem, 239**

RUTH CATARINA CERQUEIRA RIBEIRO DE SOUZA

A sala de aula: um vaso alquímico a ser construído, 263

ECLEIDE CUNICO FURLANETTO

**O aluno praticamente se sentiu o presidente
do Brasil: construção da inovação no trabalho do professor, 273**

WAGNER RODRIGUES SILVA

MARIA JOSE DE PINHO

**Interdisciplinaridade e formação docente no mestrado
em ensino de língua e literatura da UFT: teoria e prática, 299**

MARIA JOSÉ DE PINHO

HILDA GOMES DUTRA MAGALHÃES

**Notas sobre o movimento de autoria
nas práticas pedagógicas escolares, 319**

CARIME ROSSI ELIAS

Sobre os autores, 337

Prefácio: “Uma didática da invenção”

Desaprender 8 horas por dia ensina os princípios.

Manoel de Barros, em *O livro das ignoranças*¹, sugere uma didática da invenção, título que tomamos do poeta para traduzir as nossas impressões sobre esta instigante coletânea, organizada por Akiko Santos, João Henrique Suanno e Marilza Vanessa Rosa Suanno. Entendemos esta compilação como um encontro de pesquisadores que compartilham de uma perspectiva inovadora na educação. Trata-se de um círculo de diálogo entre professores de diversas áreas do saber e várias Instituições de Ensino Superior que buscam a tessitura de suas práticas cotidianas na conjugação de prosa com poesia.

Desaprender para reaprender é o que captamos da obra *Didática e formação de professores: complexidade e transdisciplinaridade*, cuidadosamente construída a várias mãos. Não se trata apenas de mais um projeto editorial, mas da sistematização e concretização de ideias, encontros e parcerias estabelecidos em diversos tempos e espaços da dinâmica acadêmica, tais como congressos, seminários, conferências, bancas e reuniões de trabalho. Uma das formas de aprender é desaprender o que está cristalizado e enrijecido pelos hábitos e ações rotineiras que já não promovem a reflexão e o cultivo da sensibilidade para o incerto, para o relacional, para as não verdades da realidade complexa.

O poeta, ao tratar de uma didática que promove a invenção, também propõe a desinvenção: “Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha. Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma”. Os autores da presente obra pretendem indicar aqui palavras que não têm idioma. E o que isso significa? Significa pensar fora do quadro estabelecido, desestabilizar a ordem reinante; perquirir a burocracia, flexibilizar a conduta rígida, ir além do que está estagnado. Ousar.

Desse novo idioma comum emergem ideias que não são triviais, palavras reinventadas com um novo sentido e significado, presentes na intersecção e interlocução das reflexões que constituem os 13 capítulos deste livro. Destacamos algumas delas: paradigmas emergentes; diversidades; responsabilidade; atitude de abertura; igualdade de direitos; compreensão; realidades complexas; relações solidárias; criatividade; ética; liberdade; respeito; formação; amor; generosidade; partilha; sensibilidade; curiosidade; sonho; religação; encontro; saberes; diálogo; legitimidade; descobertas; trajetórias; processo; ser. Essas palavras e expressões podem desempenhar a mesma função de sempre, ou podem “pegar delírio”. Invocamos de novo o poeta, quando nos diz:

No descomeço era o verbo.

Só depois é que veio o delírio do verbo.

O delírio do verbo estava no começo, lá onde a criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.

A criança não sabe que o verbo escutar não funciona para

cor, mas para som.

Então se a criança muda a função de um verbo, ele delira.

E pois.

Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos –

O verbo tem que pegar delírio.

As reflexões aqui propostas sobre didática e formação de professores querem dar novo sentido às ações, representadas na poesia como verbo. Se o verbo ou as ações têm que pegar delírio, significa que devem provocar entusiasmo, envolvimento e compromisso. Quando isso não acontece, as palavras tornam-se jargões ou clichês, repetitivos, mas desprovidos de sentido, e, de tanta repetição, tornam-se símbolos reificados de uma prática. Trata-se de fazer do cotidiano “nascimentos”.

CLEIDE ALMEIDA E IZABEL PETRAGLIA

Apresentação

Os artigos que compõem o livro *Didática e formação de professores: complexidade e transdisciplinaridade* compartilham dos anseios de se buscarem novos rumos para viver e conviver em sociedade e, sendo todos docentes, novos modos de aprender e ensinar. Com efeito, os autores apresentam suas interlocuções com conceitos emergentes e questões pedagógicas, propondo novos caminhos para a educação que contribuam com a formação do cidadão do mundo, integrado no todo que o cerca, com consciência, conhecimento e responsabilidade.

Objetivando uma sociedade mais humana, igualitária, justa, emancipadora e solidária, os professores desenvolvem uma visão integradora da realidade e dos fenômenos estudados, articulando e religando conhecimentos. Ao transformar o modo de aprender e ensinar, essa visão desperta curiosidade pelo conhecimento, pela vida, pelo amor, bem como compromisso com as pessoas, com o social, com o meio ambiente, reconhecendo-se como parte de um todo cósmico.

Esta coletânea é uma pequena amostra de como as ideias se difundem e se entrelaçam com as múltiplas construções cognitivo-emocionais dos docentes, dando lugar à criatividade, superando a estagnação e o aprisionamento a que estamos sujeitos.

Essa rajada de novos ventos nos desestabiliza momentaneamente, mas, como no tetragrama de Morin, *ordem-desordem-articulação-organização*, cada um de nós,

professores e estudantes, utilizando-se da estrutura constituída, interpreta, repensa, reconstitui-se, reequilibra-se e transforma-se para, por meio de sua ação pedagógica, transformar, em comunhão, o pequeno universo da sala de aula. Nessa caminhada, somos todos aprendentes.

O capítulo que inicia a coletânea, “Didática Transdisciplinar Emergente”, da professora MARILZA VANESSA ROSA SUANNO, dá noção da amplitude continental do comprometimento dos acadêmicos com a reconstrução educacional. Marilza apresenta e analisa os documentos-síntese de três eventos científicos, que se fundamentam em paradigmas emergentes, a saber: a) Manifesto para a criação de um modelo pedagógico integral (Unesco-Madri, 2009); b) Contribuições e conclusões do II Fórum sobre Inovação e Criatividade (Barcelona, 2010); e c) Carta de Fortaleza (Fortaleza/Brasil, 2010).

O segundo capítulo, apresentado pelo professor JOSÉ CARLOS LIBÂNEO, traz a didática como campo teórico e investigativo para discutir a tensão entre a exigência de provimento de escolarização formal e a necessidade de levar em conta as diversidades e diferenças individuais, sociais e culturais dos alunos. A didática, então, aparece na assunção de discutir o papel das práticas socioculturais e institucionais, haja vista a responsabilidade social da escola de possibilitar o conhecimento sistematizado e o desenvolvimento das capacidades individuais de cada aluno, além das suas necessidades individuais e sociais. Faz também a reflexão sobre a apropriação dos conteúdos disciplinares por parte dos alunos e sua relevância na análise das condições de vida destes e sua consequente atuação social. Propõe, frente ao entendimento das intencionalidades políticas, éticas e didáticas do trabalho pedagógico, que as qualidades humanas, sociais e cognitivas, por meio de

saberes públicos, devem ser discutidas em função da formação geral, permeando os conteúdos. Traz uma discussão de complementaridade entre a universalidade e o relativismo, entre a ciência e a cultura, em uma atitude de abertura do professor no sentido humano e suas diferenças, possibilitando reorganizar a gestão da escola e sua metodologia de ensino. Retoma a escola em seu papel de assegurar a democracia e a igualdade de direitos para todos os membros da sociedade, em uma ligação entre conhecimento teórico-científico e contextos particulares de cada aluno. Ressalta a importância da escolarização para a construção da justiça social e dos alunos como agentes transformadores, agindo e pensando a partir do que aprenderam.

AKIKO SANTOS, ANA CRISTINA SOUZA DOS SANTOS, ANA MARIA CREPALDI CHIQUIERI E SANDRA BARROS SANCHEZ buscam, no terceiro capítulo, na relação da abordagem analítica da teoria da complexidade (Morin) com a perspectiva metodológica da teoria da transdisciplinaridade (Nicolescu), a explicação do termo educação transcomplexa, percebidas como complementares, fazendo considerações acerca da didática a partir do ensino dessas teorias. Trazem, dos saberes humanos destacados por Morin, princípios para pensar a didática e, de Nicolescu, a lógica do terceiro incluído e a metodologia transdisciplinar para compreender e intervir nos fenômenos naturais e sociais. A educação transcomplexa é apresentada como metodologia interativa para a compreensão globalizada do conhecimento, que se apresenta disciplinarmente fragmentado, fornecendo elementos à formulação de uma didática que propicie mudanças conceituais, não pretendendo substituir a forma disciplinar de ensino. Busca a relação todo-partes, texto-contexto e simples-complexo no nível pessoal e social, para que a transdisciplinaridade se manifeste em sua plenitude.

O quarto capítulo, apresentado pelo professor RICARDO ANTUNES DE SÁ, busca uma reflexão a respeito da concepção do Projeto Político-Pedagógico (PPP) à luz dos pressupostos da teoria da complexidade. A partir das reflexões de Edgar Morin, reflete sobre a superação do pensamento disjuntivo e separador, a fim de avançar na construção de uma concepção complexa da vida, do homem e do mundo que o cerca. Com esse olhar a nortear sua escrita, questiona a construção de um PPP pouco preocupado em valorizar os princípios cognitivos do pensamento complexo, em uma época em que se fazem necessárias profundas mudanças na civilização humana. Encontra na teoria da complexidade as contribuições necessárias para a construção de um PPP preocupado em religar relações e conhecimentos com implicações mútuas, fenômenos multidimensionais e realidades solidárias, mesmo que conflituosas. Sugere a compreensão multidimensional do *Homo sapiens/demens* e suas relações com a natureza ambivalente, concorrente e antagônica, no sentido de superar a disjunção, a fragmentação e a compartimentalização, visando a trabalhar com o todo e com as partes sem os separar, visando à compreensão complexa do processo pedagógico e suas mediações.

JOÃO HENRIQUE SUANNO, no quinto capítulo, faz uma relação do desenvolvimento da criatividade com a abordagem transdisciplinar; focaliza prioritariamente o ambiente em que ocorrem os processos de ensino e aprendizagem. A abordagem transdisciplinar é apresentada como suporte adequado para esse tipo de trabalho no ambiente de sala de aula, pois extrapola a relação professor-aluno-conteúdo com vistas a uma relação humana, ética e social de todos os envolvidos nesse processo e com o meio que os cerca. Procura mostrar a sala de aula como um espaço de liberda-

de, pertença e participação desejada pelo aluno na construção de outros níveis de realidade, percepção e análise. Preocupa-se em mostrar a importância de um planejamento organizado pela figura do professor, mas compartilhado e aberto a participações dos alunos que contribuem para a elaboração de um contrato de ensino e aprendizagem voltado às necessidades de todos. O processo de ensino-aprendizagem nessa abordagem deve levar em conta fatores tais como a abertura, o trabalho, as emergências, o respeito ao indivíduo com o qual se relaciona, o respeito ao outro e a todo o meio em que se encontra. Esses fatores possibilitam o desenvolvimento de aprendizagens que vão muito além do planejado e elaborado pelo professor, presentes no planejamento realizado em conjunto no início do curso ou disciplina. Entende-se que esse modo de proceder implica ganhos que valem para a vida, aprendizagens que não se podem medir, perceptíveis apenas nas relações que estabelecem no curso de uma vida.

Em um trabalho de cooperação internacional, JUAN MIGUEL BATALOSO NAVAS (ESPAÑA) E MARIA CÂNDIDA BORGES DE MORAES (BRASIL) fazem, no sexto capítulo, uma reflexão sobre a psicopedagogia, suas orientações e dimensões em uma proposta de intervenção transdisciplinar. Abordam os problemas essenciais da pertinência do conhecimento e as consequências da negação da complexidade de orientação educativa. Veem a necessidade de uma nova visão psicopedagógica que, a partir do pensamento ecossistêmico e transdisciplinar, vá além da missão de melhorar os processos de ensino-aprendizagem, onde se detêm os profissionais dessa área, em uma busca de novos princípios e dimensões mais congruentes com as necessidades educativas do nosso tempo. Há que se perceber o desenvolvimento pessoal

além dos processos educativos. Entendem que a orientação educativa e a intervenção psicopedagógica, vistas a partir dessa perspectiva transdisciplinar, implicam considerar a natureza complexa dos processos que estão sendo tecidos em conjunto com a multidimensionalidade do ser humano, amparados em mudanças metodológicas, ontológicas e epistemológicas.

EVERARDO DE SOUSA LUZ faz, no sétimo capítulo, uma reflexão acerca da construção de um currículo integrado como um plano pedagógico que articula dinamicamente trabalho e ensino, teoria e prática, ensino e comunidade. Vê no ensino globalizado as contribuições da interdisciplinaridade, da transdisciplinaridade, o trabalho por projetos e os temas transversais, flexível, atento à formação do homem, motivado por debates e estudos no sentido de contribuir efetivamente para uma mudança da realidade. Encontra nos Decretos 2.208/07 e 5.154/04 uma tentativa de combater o reducionismo clássico, quando sugere a integração curricular como uma proposta de organização curricular. Propõe, então, os projetos de trabalho como uma alternativa metodológica eficiente, capaz de tornar o processo educacional mais dinâmico, possibilitando mais significado ao que se ensina e se aprende, apontando que a mudança metodológica deve vir acompanhada de mudança epistemológica.

No oitavo capítulo, SOLANGE MARTINS OLIVEIRA MARGALHÃES reflete acerca da essencialidade do amor ao ser humano, presente na vida de cada um, em todas as suas relações estabelecidas. Vai além da ambiguidade do amor, quando afirma que só podemos conhecer um sentimento, qualquer que seja ele, se conhecemos a sua correspondência inversa, sem a descartar, mas em um sentido de complementaridade. Busca no uso da lógica a ressignifica-

ção constante desse sentimento, levando em consideração também a sua ilogicidade e incoerência para discorrer sobre o tema. Percebe o amor como uma manifestação transgressora da lógica da eficácia e da trivialidade. Defende a ideia de uma rede afetivamente relacional e interdependente, ligando-se reciprocamente a tudo. Busca resgatar na educação a preocupação com a necessidade de recuperar os campos da ciência do amor e todas as suas formas de manifestação, assim como a gratuidade, a generosidade, a partilha, o saber cuidar, a caridade, a compaixão, a solidariedade, a cooperação, a criatividade, a corresponsabilidade e a liberdade.

RUTH CATARINA CERQUEIRA RIBEIRO DE SOUZA, no nono capítulo, busca na prática complexa e transdisciplinar a “reinvenção epistemológica” para o trabalho docente, tendo como consequências as suas repercussões pedagógicas e didáticas. Reflete sobre a prática docente como contexto de compreensão compartilhada dos participantes, em que a aprendizagem se constrói de forma cooperativa, em um grupo com vida própria. O ambiente de aprendizagem é visto como um espaço de construção do conhecimento em uma relação aberta e permanente, dialógica e de trocas simbólicas. É visto também como espaço que possibilita a estudantes e seus formadores construir convicções e questionar o papel da universidade na emancipação e na quebra de paradigmas, compromissada com as rupturas paradigmáticas, questionando os processos hegemônicos de regulação e desprestígio do conhecimento pedagógico, acreditando em uma educação emancipatória e solidária. Reconhece que essa nova postura pedagógica exige mudanças profundas nas concepções dos atores, que eles sejam capazes de se debruçar sobre seus próprios pensamen-

tos por meio da reflexão e da atitude metacognitiva, assumindo-se, alunos e professores, como sujeitos da própria aprendizagem, superando a passividade e subserviência a que foram ensinados e submetidos. Afirma a necessidade do trabalho com afetividade, sensibilidade, emoção e com o corpo, em um fazer complexo da docência, recriando a realidade, a cultura e promovendo a contínua autotransformação.

ECLEIDE CUNICO FURLANETTO, no capítulo décimo, busca na alquimia bases para explicar os fenômenos que acontecem em sala de aula como elementos que auxiliam a aprendizagem dos alunos. Quando assim apresentada, sugere a autora, a disciplina desperta a curiosidade, a vontade de viver uma nova experiência deslocada dos modelos convencionais de sala de aula. Apresenta aos alunos outras maneiras de conhecer e aprender, e estes se sentem despertados para um processo árduo de busca do conhecimento. A autora entende o sonho como possibilitador da religação entre consciência e inconsciência, em uma perspectiva não linear, que parte de algo que se conhece em busca de algo não manifesto. Ressalta a importância do esforço coletivo na construção do conhecimento, baseado em signos linguísticos e no uso do pensamento não dirigido, em uma perspectiva junguiana. O encontro entre os opostos, pensamentos dirigido e não dirigido, possibilita perceber uma terceira possibilidade, a do pensamento complexo apresentado por Morin, indo além da discriminação, tecendo, reunindo, integrando e interconectando as partes entre si e com a teia da vida. O vaso alquímico surge, então, como um local de encontro entre os atores que participam do processo de construção do conhecimento com suas elaborações simbólicas de mitos, das artes, de textos científicos e filosóficos,

ligados por fios invisíveis que favorecem experiências, possibilitando a emersão de produtos visíveis e invisíveis aos olhos, mudanças pelas quais passaram os sujeitos que compartilharam essa experiência.

Buscar, nas categorias teóricas da interdisciplinaridade, do letramento e da tecnologia, orientação para o trabalho realizado pelo professor é a intenção dos professores MARIA JOSÉ DE PINHO E WAGNER RODRIGUES SILVA no texto apresentado no décimo primeiro capítulo. Baseados nessas categorias, refletem sobre a inovação do trabalho pedagógico desenvolvido na educação básica não como conteúdos disciplinares, mas como saberes conscientes do processo de implementação do projeto pedagógico. O capítulo é organizado em três momentos: o primeiro caracteriza a geração dos dados de pesquisa aqui apresentados. O segundo expõe algumas atividades didáticas realizadas no projeto pedagógico interdisciplinar focalizado, articulando as noções teóricas das categorias apresentadas. O terceiro momento finaliza o trabalho com reflexões sobre a complexidade das respostas a serem produzidas pelas instituições de formação às demandas de inovação do mundo vivenciado. A interdisciplinaridade aparece como proposta de organização curricular na formação de professores e compreende a realidade escolar visando a mudanças das concepções de leitura e escrita a partir das experiências dos alunos. As categorias apresentadas e discutidas em uma perspectiva integradora contribuem para a profissionalização do professor, reconhecendo-o como agente de transformação e de propagação de práticas pedagógicas desencadeadoras do processo de ensino-aprendizagem que combatam a exclusão social, resultante das assimetrias existentes na sociedade brasileira.

HILDA GOMES DUTRA MAGALHÃES E MARIA JOSÉ DE PINHO trazem, no décimo segundo capítulo, um estudo de caso sobre a importância da disciplina Interdisciplinaridade e Formação Docente, constante do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Mestrado em Ensino de Língua e Literatura – MELL, oferecido pela Universidade Federal do Tocantins – UFT. Tendo a interdisciplinaridade como eixo norteador, é apresentada uma proposta de trabalho coletivo desencadeador de profundas mudanças nas relações do homem consigo mesmo, com outros homens e com o mundo. As autoras entendem esse eixo norteador para além da teoria – pelo prisma da mudança pessoal anterior ao trabalho coletivo, pois percebem que não há como ser interdisciplinar sem ter uma atitude interdisciplinar, cooperativa. Para tal, a capacidade de ouvir, compartilhar, negociar e argumentar com respeito ao ponto de vista do outro é fundamental como amadurecimento de si próprio para um diálogo com os outros. A competência de cada um na sua área de conhecimento é fator *sine qua non* para perceber e construir relações com outros saberes, o que lhes confere legitimidade científica nas descobertas contínuas, baseadas em estudos e reflexões, necessários para a prática realizada. Encerram seu capítulo analisando o papel das autoras envolvidas no processo e o processo de crescimento, revisitando suas consciências, exercícios profissionais e revendo conteúdos pessoais e teóricos, em um entrelaçamento contínuo entre estes.

CARIME ROSSI ELIAS traz no texto apresentado no décimo terceiro capítulo reflexões iniciais, mais ou menos nômades, sobre relações entre aprendizagem, movimentos de desterritorialização/reterritorialização e autoria. Ele nasce de cenas cotidianas de sala de aula e procura refletir sobre

elas percorrendo um caminho que se faz ao ser trilhado. Parte de observações dos alunos que pensam suas próprias trajetórias escolares e de cenas que dizem respeito às realidades escolar e social, entrelaçadas que são, no espaço da sala de aula, unidas pelo existir diante das tarefas escolares e seus modos de se comportarem diante destas, em vários lugares. Discute a unidade da língua como unidade política e sustenta que sua correta expressão é condição prévia para qualquer submissão às leis sociais. Questiona acerca da concepção de aprendizagem que as cenas expressam, como território e processo de integração, e, nessa perspectiva, supõe uma dimensão de autoria, viabilizando o aprender, a possibilidade de criação de outros modos de ser, pensar e experimentar.

Desejamos que essas ideias encontrem solo fértil para diálogos sobre didática e formação de professores, bem como para a construção de novas realidades, novos modos de aprender e ensinar.

AKIKO SANTOS

JOÃO HENRIQUE SUANNO

MARILZA VANESSA ROSA SUANNO